

4394 - Fundação Casa de Rui Barbosa
R. São Clemente 134 - Botafogo
ASSOCIÇÃO DE COMUNICÇÃO



*** UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

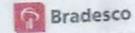
ANO 95 • SEGUNDA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 2016 • Nº 31.918

EDIÇÃO NACIONAL • CONCLUÍDA ÀS 23H08 • R\$ 4,00

B14 **RIO2016**

SEGUNDA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 2016

*** FOLHA DE S. PAULO



RIO-2016, PONTO A PONTO



FOI BEM

INSTALAÇÕES
A qualidade exigida pelas diversas federações foi atingida no geral, exceção feita à água de duas piscinas que ficaram verde por dias. No restante das arenas, problemas menores e rapidamente resolvidos, como buracos na quadra de handebol. Decoração olímpica chegou atrasada à cidade e gerou a impressão de mal acabada em diversos locais.

AMBIENTE
Apesar das falhas de serviço, o clima nos parques e arquibancadas foi de alegria, animação e tranquilidade, dentro e fora das arenas. Clima de torcida de futebol marcou o evento, para o bem (Djokovic x Del Potro) e para o mal (votos a Renaud Lavigne).

SEGURANÇA
As custas de uma militarização ostensiva, a sensação foi de segurança nos ambientes olímpicos. Em Deodoro, duas balas foram achadas no chão e um ônibus de imprensa foi atingido por pedras, segundo a organização, ou tiros, segundo passageiros. Vila Olímpica conviveu com dezenas de furtos. Várias delegações desestimularam saídas de seus integrantes da Vila.

TRANSPORTE
A grande preocupação do sistema de transporte público, a conexão via metrô e ônibus entre a zona sul e a Barra, funcionou muito bem. As faixas segregadas para a família olímpica foram respeitadas, mas causaram muitos engarrafamentos por toda a cidade.

ANÁLISE

Organização olímpica vence desorganização do país

O melhor da Olimpíada deveria começar agora, mas não virá

JOSÉ HENRIQUE MARIANTE
ENVIADO ESPECIAL AO RIO

A Olimpíada é um sucesso? A maioria dirá que sim. O mundo será condescendente com o Rio, assim como já foi com o Brasil na Copa. Ninguém esperava uma Olimpíada melhor, esperava, na verdade, coisa bem pior.

Atletas, jornalistas e turistas vieram preparados para a guerra, mas só encontraram gente sorridente e perdidos nas traduções, placas que sinalizam errado, ônibus que atrasam, filas para comprar comida. Confusão de sempre, em proporções olímpicas.

O medo do terrorismo ficou na Europa, a zika preferiu o verão de Miami, o Rio acabou em festa.

Indígenas futuraremos então entre o orgulho de ter passado de ano, quem se importa se com o empurrão do professor, e a cômoda constatação de que o país é assim e sempre será. Cansamos do complexo de vira-latas, estamos na fase da afirmação, da própria incompetência ou da competência alheia que pagamos caro para assistir por duas semanas.

O grande feito do Rio foi provar que a organização olímpica é capaz de superar a desorganização local. Na véspera dos Jogos, John Coates, chefe do Comitê Olímpico Internacional, declarou que estes seriam os Jogos "mais difíceis". Duas sema-

nas depois, Thomas Bach, presidente do comitê, trocou o adjetivo, e os Jogos se tornaram os "mais icônicos".

Coates não errou, deviam ter sido Jogos difíceis, e isso vai aparecer no futuro quando se contar o que não foi contado. Sua preocupação não era sublinhar obstáculos locais, mas evidenciar que o modelo que ajudou a criar é capaz de superá-los. O australiano foi o homem forte de Sydney 2000, que propôs uma tecnologia de execução e controle de projetos olímpicos que empurrou o evento para outro patamar. Simplesmente por ser replicável.

Como sempre acontece no esporte, alguém faz muito dinheiro com isso. O modelo é detido por meia dúzia de empresas. A uma sede olímpica nesta sequência que determinam, pagar a conta e tirar proveito do serviço prestado. Atenas-04 quebrou o país, Pequim-08 e Londres-12 transformaram o limão em limonada. Queremos acreditar que o Rio está no segundo grupo. Estará?

A hionada carioca vai começar a amargar, é óbvio, quando o custo da brincadeira chegar. Quando associações construtoras e políticos envolvidos à Lava Jato. Quando a revolução viária e imobiliária de Eduardo Paes fatigar. Quando percebermos que os milhares que falam inglês nos Jogos já sabem a língua. Quando admitirmos que a Olimpíada falhou em serviços, exatamente a norma parte. Quando entendermos que o melhor deveria estar começando agora, e não virá.

Falamos que recebemos os Jogos não um pequeno incremento no PIB no ano do evento e voltamos ao normal depois. Sabemos qual é o normal do Rio e do Brasil.

✓
O MEDO DO TERRORISMO FICOU NA EUROPA. A ZIKA PREFERIU O VERÃO DE MIAMI. O RIO ACABOU EM FESTA



FOI MAL

OPERAÇÃO
A operação dos Jogos deixou a desejar em vários aspectos relacionados a serviços: **filas nas revistas** (resolvidas às pressas, sem paciência e com sensação de "vista grossa"), transporte de atletas e imprensa, voluntários perdidos, falta generalizada de informação, sinalização errada ou inexistente.

CUSTOS
A conta total de quase R\$ 40 bilhões relacionada à Olimpíada aumentou em pelo menos R\$ 250 milhões durante o próprio evento e promete crescer ainda mais. Apesar disso, tanto o Comitê Organizador quanto o Comitê Olímpico Internacional insistem na tese de que o equipamento dos Jogos não estourou e não contou com dinheiro público.

INGRESSOS
Jogos começaram com **multas arquibancadas vazias**, apesar da forte procura por ingressos. Revenda de bilhetes, ingressos não usados por patrocinadores e câmbio, problemas crônicos em todas as Olimpíadas, não tiveram solução no Rio. Um membro do Comitê Olímpico Internacional foi preso acusado de repassar ingressos a empresa não autorizada.

ALIMENTAÇÃO
Filas, pessoal inexperiente, estoques mal dimensionados, cardápio restrito, de qualidade baixa e nada saudável, preços nas alturas, garrafas sem tampinha, vendas por cartão de uma única bandeira, exigência de patrocinador.